



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECÔNCAVO DA BAHIA
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

ROSEMARY SOUZA DOS SANTOS

**ANÁLISE DA PRÁTICA PEDAGÓGICA APLICADA AOS ALUNOS DA
EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS**

AMARGOSA/BA

2019

ROSEMARY SOUZA DOS SANTOS

**ANÁLISE DA PRÁTICA PEDAGÓGICA APLICADA AOS ALUNOS DA
EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Centro de Formação de Professores da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, como parte dos requisitos para a obtenção do título de Licenciatura em Pedagogia.

Orientadora: Prof^o Ma. Georgia Nellie Clark

AMARGOSA/BA


2019

**ANÁLISE DA PRÁTICA PEDAGÓGICA APLICADA AOS ALUNOS DA
EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS**

Trabalho de conclusão do Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia,
apresentado à banca examinadora da Universidade Federal do Recôncavo da
Bahia, como obtenção do título licenciada em Pedagogia.

Aprovado em: 26/03/2019

BANCA EXAMINADORA



Geórgia Nellie Clark - Orientadora Mestre em Educação – UFRB



Avaliador 01 - Gilsélia Macedo Cardoso Freitas - Doutora em Educação - UFRB



Avaliador 02 – Dr^a Andreia Barbosa dos Santos

Dedico este trabalho ao meu esposo, Manoel Pedro dos Santos Filho, que sempre confiou em mim, me apoiou e me incentivou a não desistir e que, mesma nas dificuldades, meu deu todos os suportes para que eu chegasse ao ensino superior.

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer primeiramente à Deus, pelo dom da vida e por sua infinita bondade em minha vida.

A minha família por todo o apoio. Vocês são os grandes responsáveis da realização desse sonho.

Um agradecimento especial ao meu esposo, Manoel Pedro, que sempre me incentivou e foi o meu alicerce.

A minha sogra, Corina (in memoriam), esta vitória é sua também.

A minha orientadora, Geórgia Clark, pela paciência, ensinamentos e compreensão.

RESUMO

Este trabalho apresenta o resultado de um estudo sobre a importância da prática pedagógica com os alunos da Educação de Jovens e Adultos - EJA, no processo de aprendizagem, dentro da sala de aula. A pesquisa objetiva analisar se existe aproximação entre o trabalho pedagógico do professor, nas classes de EJA com estudantes da zona rural, e o contexto de vida dos estudantes. Em decorrência, o seguinte objetivo específico: discutir a EJA como direito, no Brasil, e o trabalho pedagógico em consonância com esse direito. Para a realização dessa pesquisa, foi utilizada abordagem qualitativa, tendo como instrumentos de coleta de dados a entrevista, observações e questionário. No que se refere ao referencial teórico, este trabalho encontra-se fundamentado nos estudos e pesquisas de alguns autores como, Kauark e Muniz (2011), Freire (2005, 2015), Fernandes (2005), Gonsalves (2002) dentre outros. Por fim, com essa pesquisa, entendemos a importância da prática pedagógica para a aprendizagem dos estudantes da EJA, na zona rural de Amargosa. A presente pesquisa demonstra o quanto as práticas estão muitas vezes distantes de uma real problematização da realidade dos estudantes da EJA.

Palavra-chave: Educação de jovens e Adultos. Prática pedagógica. Estudantes da Zona Rural.

LISTA DE IMAGEM

Imagem 1- fachada da Escola Estadual Almeida Sampaio	21
--	----

LISTA DE TABELA

Tabela 1- Percentual e faixa etária dos alunos da EJA	22
---	----

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	9
2. EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: DIREITO DE APRENDER.....	13
3. PERCURSO METODOLÓGICO	19
3.1 CAMPO PESQUISADO	20
3.2 PERFIL DO CORPO DOCENTE DA EJA NA ESCOLA	22
3.3 PERFIL DO CORPO DISCENTE DA CLASSE OBSERVADA	22
3.4 INSTRUMENTOS DE RECOLHA DE DADOS	23
3.4.1 Observação	23
3.4.2 Entrevistas Semiestruturada	24
3.4.3 Questionários com os Alunos	25
3.5 COLABORADORES DA PESQUISA	26
4. A PRÁTICA PEDAGÓGICA E A REALIDADE DOS SUJEITOS	27
4.1 CONHECENDO A REALIDADE SOCIOECONÔMICA E COGNITIVA DOS ESTUDANTES	27
4.2 A REALIDADE DOS ESTUDANTES NO PLANEJAMENTO E PRÁTICA PEDAGÓGICA	29
4.3 DESENVOLVIMENTO DA PRÁTICA PEDAGÓGICA E ACOMPANHAMENTO DA APRENDIZAGEM	32
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	35
REFERÊNCIAS	37
APÊNDICES	39

1. INTRODUÇÃO

A Educação de Jovens e Adultos - EJA é uma modalidade da Educação Básica destinada às pessoas que não tiveram a oportunidade de estudar ou até mesmo aqueles que, embora tenham iniciado seus estudos, não concluíram por muitos fatores como necessidade de trabalhar, migrações, doenças entre outros.

Esses jovens, adultos e idosos são oriundos de camadas sociais menos favorecidas, em sua maioria trabalhadores, ocupando postos de trabalho menos valorizados socialmente. São trabalhadores rurais ou domésticos, ribeirinhos, pescadores, trabalhadores informais; homens e mulheres marcados também pelos preconceitos de raça por serem em grande parte negros e pardos.

Para Freire (2002), a educação deve corresponder à formação plena do ser humano, denominada por ele de preparação para a vida, com formação de valores, atrelada a uma proposta política de uma pedagogia libertadora, fundamental para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária. Nesse sentido, são exatamente esses sujeitos excluídos os que mais demandam por uma educação que propicie um entendimento do mundo.

Para Gadotti (2003), o conceito de educação de adultos vai se movendo na direção ao de educação popular na medida em que a realidade começa a fazer algumas exigências à sensibilidade e a competência científica dos educandos e educadoras.

Considerando a importância de atendimento educacional de qualidade por parte do estado aos sujeitos das camadas mais pobres e que tiveram, historicamente, esse direito negado, entende-se que a Educação de Jovens e Adultos é uma modalidade que requer atenção especial e diálogo para se tornar efetiva, em acordo com as garantias legais.

A educação escolar, em nossa sociedade, faz parte, de um modo ou de outro, da vida de todos os sujeitos e sem ela, não podemos exercer adequadamente nossos direitos e deveres, estamos bloqueados à concretização de muitos projetos e sonhos. Desse modo, muitos jovens, adultos e idosos sonham fazer parte e ter êxito no mundo escolar.

O espaço escolar para essa modalidade tem que se adequar às necessidades de aprendizagem dos educandos, propondo meios que estimulem esses sujeitos a se tornarem capazes de avançar na construção de seu conhecimento, espaços plenos

de diálogo, pois o diálogo promove a reflexão e compreensão do mundo em que se está inserido.

Nessa perspectiva, o presente trabalho surge das inquietações sobre as práticas pedagógicas com os alunos da EJA da zona rural do município de Amargosa, pois muitos estudantes se sentem sem capacidades e desestimulados para frequentar a escola, tendo vergonha e medo de não conseguir aprender. Nesse sentido, os modos de conduzir o processo de aprendizagem desses sujeitos, ou seja, as práticas pedagógicas dos professores, têm grandes chances de serem definitivas para a elaboração ou não elaboração da aprendizagem.

Desse modo, o tema proposto para este estudo surgiu através da reflexão sobre as práticas pedagógicas vivenciadas por mim na condição de docente da alfabetização na EJA, no ano de 2005, em uma sala com 17 alunos. Eu só tinha a formação do antigo magistério, tendo um encontro de coordenação pedagógica semanal. Essa oportunidade se deu no contexto de uma parceria entre a Secretaria Municipal de Educação de Amargosa e a Universidade Federal do Recôncavo da Bahia – UFRB, tendo a professora Andrea Barbosa como mediadora dessa formação.

Foram momentos muito relevantes para a minha formação que me levaram a indagar e descobrir que a EJA só acontece de fato através do diálogo e da valorização e problematização da realidade dos educandos, levando-os à compreensão de sua própria história.

Assim sendo, a EJA desenvolveu papel fundamental em meu percurso formativo, levando-me a questionar minhas práticas em sala de aula. Questionava-me, a todo momento, se minha prática estava trabalhando a realidade daqueles sujeitos.

Foi uma experiência muito difícil, mas com a elaboração de uma prática pedagógica voltada à realidade daqueles sujeitos que ali se encontravam, percebi que houve um avanço tanto na frequência quanto na aprendizagem, quando eles falavam que estavam entendendo os conteúdos por que tinham relação com suas realidades.

Percebemos que a EJA ainda é uma modalidade que os governantes, não querem investir, pois para eles, não tem retorno ou então esses sujeitos não precisam estudar mais. Muitas localidades da zona rural de Amargosa estão sem classes para esses alunos desde 2017, pois essas classes foram transferidas para a zona urbana.

Estes estudantes, muitos deles meus vizinhos, amigos e familiares, se sentiram como pessoas que não fazem parte da sociedade de Amargosa. Conversei com vários

estudantes e eles relataram que a gestão atual não entende a importância da escola para eles, ao retirar as classes de EJA das localidades. Observamos que essas pessoas têm consciência da escola e sua importância para suas vidas. Muitos foram destinados ao novo Centro de Educação de Jovens e Adultos, na zona urbana. Um desses estudantes me afirmou: “a escola lá não é igual a nossa realidade. Tudo diferente: a professora, os colegas, o ambiente da escola e até mesmo o trajeto que fazemos todos os dias”.

Diante dessas falas e da constatação da falta de escola para a EJA, na zona rural do município de Amargosa, bem como do descaso com os alunos que frequentavam esse espaço, tendo escolas que foram fechadas sem ao menos se dar uma justificativa, surgiu a seguinte questão: a prática pedagógica dos professores, no novo espaço destinado à EJA, no município, considera a realidade dos estudantes da zona rural?

A prática pedagógica e a motivação devem estar lado a lado para que assim à educação se processe na excelência, para o seu mais nobre fomento: a formação do homem cidadão, preparado para a vida e para o trabalho, sobretudo se esta prática se efetiva no contexto escolar. (KAUARK, MUNIZ, 2011, p.18).

Diante disso, buscou-se concretizar o seguinte objetivo geral: analisar se existe aproximação entre o trabalho pedagógico do professor, nas classes de EJA com estudantes da zona rural, e o contexto de vida dos estudantes. Em decorrência, o seguinte objetivo específico: discutir a EJA como direito, no Brasil, e o trabalho pedagógico em consonância com esse direito.

Trata-se de uma pesquisa de cunho qualitativo que teve como instrumentos de coleta de dados, as observações seguidas de entrevista semiestruturada gravada com o professor e aplicação de questionários com os estudantes para melhor compreensão de suas realidades.

Pensando que a EJA vem com um propósito de devolver o lugar do sujeito na sociedade, assim como, torná-lo atuante em seus deveres e direitos, é perceptível que esta modalidade de educação requer muitos estudos e militância.

Desse modo, a nossa pesquisa justifica-se tanto no campo pessoal, quanto social e acadêmico, pois, por mais que esse campo de estudo tenha ganhado adeptos para a militância e a pesquisa, ainda não é o suficiente para a criação de políticas públicas adequadas para contemplar às demandas da modalidade da educação básica aqui discutida.

No segundo capítulo deste estudo, procuramos afirmar que, mais que um direito ao acesso e permanência à escola, a EJA é um direito à aprendizagem realmente relevante para os sujeitos jovens adultos e idosos. Nesse sentido, trazemos a importância de práticas pedagógicas que respeitem a realidade do sujeito, aproximando-o de seu direito à aprendizagem. No terceiro capítulo, trazemos as escolhas metodológicas desse estudo e os caminhos para sua concretização. No quarto capítulo, procuramos compreender os achados da pesquisa, respondendo ao seu objetivo geral.

2. EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: DIREITO DE APRENDER

Antes de falar da EJA como direito, faço uma retomada histórica para situarmos como a educação de adultos começou no Brasil. Desde o Brasil Colônia, já se pensava em um processo de educação voltada para adultos. Naquele contexto, era um modelo de ensino instrutivo de catequização. O ensino jesuítico tinha como princípio pedagógico o caráter religioso: ensinar os indígenas ao apego de uma fé cristã, já que eles eram tidos como selvagens e pagãos. Logo se percebe que, ao impor sua cultura em solo brasileiro, os jesuítas propagam uma religião, a católica. (SOUZA E CAVALCANTE 2016).

Já no Brasil Império, o processo educativo, em se tratando de ensino para adultos, teve poucas alterações. Tanto no contexto Colonial e no Imperial, a educação ainda não se constituía como um direito, já que grande parte da população ficava impossibilitada de estudar, sendo que o estudo era um privilégio para a elite, e aqueles que tinham acesso eram ensinados de forma mecanicista e sem criticidade; era um ensino voltado para mão-de-obra. Com a expulsão dos jesuítas em 1759, já começa timidamente se pensar uma nova proposta educacional, já que para cada período histórico demandava uma forma de pensar as demandas sociais, assim entende que o que era válido para um tempo histórico em outro momento, devia ter novas formas de resolver as necessidades sociais e econômicas (HADDAD; PIERRO, 2006).

No Brasil República, em se pensando na questão do direito da educação para todos, começa a discutir como resolver os problemas emergentes que precisavam ser sanados e a educação deveria alcançar as massas, para fornecer mão-de-obra adequada ao processo de industrialização, inclusive os jovens e adultos.

Apenas com a Constituição Federal de 1988, se universaliza a garantia desse direito, assegurado para todos (BRASIL, 1988, p.195). A educação, como direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho.

O direito à educação propõe aos sujeitos compreenderem o mundo partindo de suas culturas, histórias, relacionando a novos conhecimentos para que haja mudança social na sociedade. Para tanto, o professor deve conhecer esses sujeitos, suas realidades, criando métodos que possibilitem a troca de conhecimento entre os sujeitos, mediando e ampliando o que ainda não sabe.

O direito à educação não pode ser desvinculado dos direitos sociais. Os direitos humanos são todos interdependentes. Não podemos defender o direito à educação sem associá-los a outros direitos. A educação que se defende não está separada de um projeto social, da ética, dos valores da diversidade ou da pluralidade (MONDACA, 2008).

Os sujeitos da EJA passaram por processos de lutas que marcam suas histórias, conquistando o que foi negado por muitos anos. A negação a seus direitos fez com que muitos perdessem a esperança de sonhar por um mundo livre e democrático, pois a desigualdade social e econômica afetou a maior parte do nosso país, sendo uma desigualdade que afeta a todos, principalmente as pessoas de baixa renda.

Dessa forma, as lutas populares propiciaram mudanças na sociedade, conquistando seus lugares de direito. Como aponta Brandão (2002), os movimentos populares de transformação, ainda não concluídos, por se abrirem a lutas mais amplas em prol dos direitos humanos, onde a pessoa cidadã é o sujeito de deveres sociais de teor político, em nome dos quais não apenas reclama os seus direitos, age para construir outro mundo possível de realização plena dos direitos humanos.

Em consonância com a Lei de Diretrizes e Bases - LDB, lei 9.394 de 1996, no artigo 37, fica evidenciada a preocupação em garantir a continuidade e acesso aos estudos para aqueles que não tiveram oportunidade em idade própria.

Art. 37 – A educação de Jovens e adultos será destinada àqueles que não tiveram acesso ou continuidade de estudos no ensino fundamental e médio na idade própria.

§ 1 Os sistemas de ensino assegurarão gratuitamente aos jovens e adultos, que não puderam efetuar os estudos em idade regular, as oportunidades educacionais apropriadas, consideradas as características do alunado, seus interesses, condições de vida e trabalho, mediante cursos e exames.

§2 – O Poder Público viabilizará e estimulará o acesso e a permanência do trabalhador na escola, mediante ações integradas e complementares entre si. (BRASIL, 1996).

Segundo Duarte (2002, p.113), “o direito público subjetivo configura-se como um instrumento jurídico de controle da atuação do poder estatal, pois permite ao seu titular constranger judicialmente o Estado a executar o que deve”. A Educação de Jovens e Adultos, no Brasil, é um direito social garantido pela Constituição Federal de 1988. Em decorrência, constitui-se em um direito público subjetivo.

Assim, a oferta da educação de jovens e adultos, não é uma benevolência dos gestores municipais e/ou estaduais, constitui como um direito subjetivo do cidadão.

Portanto a obrigatoriedade da oferta dessa modalidade independente de ser no espaço urbano ou rural.

Diante do que nos diz a lei, compreendemos a educação como um divisor de águas no acesso ao conhecimento pois uma vez tendo conhecimento, as pessoas passam a ser construtoras do seu destino. De acordo com o que nos afirma a LDB, a educação para esse público precisa ter especificidade, não pode ser uma extensão do ensino para crianças. Precisa compreender e trazer para a organização pedagógica e a construção do conhecimento a consciência de que, se os estudantes não tiveram acesso à educação na faixa etária esperada, a culpa não é deles, mas de um sistema que os levou a essa condição.

Conforme Provesan (2006), a proteção dos direitos humanos também requer políticas específicas destinadas aos grupos socialmente vulneráveis e excluídos. Entendemos que o público que chega até as escolas para frequentar a EJA, certamente não frequentou os bancos escolares por inúmeras dificuldades muito ligadas a questões sociais e econômicas.

No sentido de reparação social, a EJA tem na sua égide, a formação humana, a compreensão do sistema social vigente como um sistema de exclusões e, portanto, deve possibilitar ao educando a compreensão desse sistema e de como ela (ele) é vítima desse sistema e só através da educação e que se pode mudar isso.

Para tanto, a prática pedagógica desenvolvida pelo professor/educador, constitui-se de suma importância, no processo de desvelamento da realidade que o cerca para que a partir de então o aluno possa decodificar a língua escrita e apoderar-se dela para transformar a realidade.

Desta forma, os saberes que são inerentes à prática do professor engajado com uma educação que tenha a formação universal do ser humano, precisa ser uma prática que rompa com os ideários de que não estudou porque não quis, porque era “burro” ou porque não tinha capacidade de aprender (FREIRE, 2015).

Quando o professor não cumpre com o seu papel e dever de considerar e problematizar a realidade histórica, social e econômica dos seus educandos, ele (o professor), nega aos sujeitos o direito que lhe é garantido, o direito de conhecer e ter a oportunidade de através da educação lutar para mudar esse cenário.

Paulo Freire é o mais conhecido pensador da Educação de Jovens e Adultos. Ele pregava uma alfabetização voltada para adultos partindo dos temas geradores. Palavras que os educandos, no seu dia a dia, conheciam por trabalhar com vários

instrumentos, que lhes permitia conhecer, e a partir da prática mediada pelo professor, formar novas palavras. Para ele, não se podia deixar de dar oportunidades àqueles sujeitos capazes de criar e recriar, no intuito de ver um mundo de liberdade que pudesse refletir, problematizar e indagar, aprimorando seus conhecimentos trazidos para entender o mundo de forma libertadora.

É impossível o professor levar avante seu trabalho de alfabetização ou compreender a alfabetização quando separa completamente a leitura da palavra da leitura de mundo. Ler a palavra e aprender como “escrever o mundo” isto é ter experiência de mudar o mundo e estar em contato com o mundo (FREIRE, 1991).

No processo de graduação no Curso de Pedagogia, as discussões, reflexões, me colocavam a pensar o que vivenciei ao longo da minha vida, nossas lutas e até mesmo mobilizações, querendo entender o porquê de tanta perseguição por não termos um poder aquisitivo na sociedade.

No entanto, passei a entender que os questionamentos de Freire permitem a busca do conhecimento para quem não teve direito à educação, sendo excluído por sua condição de classe, capaz de ter uma visão diferente daquela que passava no decorrer de suas vidas, oprimindo suas forças.

Freire (2015), enfatiza a necessidade de o professor criar estratégias e situações de aprendizagem que levem os educandos da EJA a compreender as situações de opressão/exploração vivenciadas não como destino, mas, como resultado da ganância de alguns, que em prol do lucro sentem-se donos e capazes de exterminar as condições de vida, de trabalho e de dignidade do ser humano.

Portanto, acreditamos que os saberes pontuados por Freire em sua pedagogia da autonomia, fazem-se urgentes na prática pedagógica dos dias atuais, em que os soberbos da terra, visando a política do mercado, do agronegócio, e do lucro desenfreado tem dizimado vidas, sonhos e famílias.

É por isso que, antes de tudo, o professor precisa ser humanizado, crítico, político, ético, responsável, amoroso, rigoroso metodicamente e engajado com a real situação que envolve a vida dos seus educandos, torna-se não apenas necessário, mas urgente á pratica docente da EJA.

Assim, acreditamos que, embora o professor sozinho não possa mudar todo o sistema, o seu papel é imprescindível. Contudo é preciso que os professores se reconheçam nesse papel, saibam a importância da sua concepção pedagógica, pois,

mesmo que não saiba ou reconheça, mas a sua prática constitui um ato político e, portanto, formador.

A educação é de grande importância na vida do ser humano. Com o passar dos anos houve várias inovações tecnológicas e transformação cultural. Apesar dessas modificações, os avanços na educação pública de qualidade são tímidos, especialmente em relação a EJA, onde os investimentos estão muito longe do necessário.

Vivemos em um país capitalista, de grande concorrência entre os sujeitos para o acesso a um emprego que lhe garanta uma vida com um mínimo de dignidade, onde os sujeitos têm que estar dentro de um padrão de normas que o mercado exige. Historicamente a educação pública tem buscado colocar os sujeitos da EJA dentro desse padrão para atender demandas do mercado de trabalho.

Embora a relação com o trabalho seja central na vida das pessoas, especialmente dos sujeitos mais pobres da sociedade, para Freire, a educação deveria ir além das demandas do mercado e corresponder à formação plena do ser humano, denominada por ele de preparação para a vida, com formação de valores, atreladas a uma proposta política de uma pedagogia libertadora, fundamental para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária.

Não é possível atuar em favor da igualdade, do respeito aos direitos, à voz, à participação à reinvenção do mundo, num regime que nega a liberdade de trabalhar, de comer, de falar, de discordar de ir e vir, a liberdade de ser (Freire, 2002). A proposta de Freire perdura até os dias atuais.

Segundo Freire (2015), é preciso reconhecer que as pessoas não alfabetizadas são portadores de suas próprias culturas, que muito têm a contribuir para sua aprendizagem no ambiente escolar, propondo assim a troca de conhecimentos, pois ninguém possui mais saber do que o outro, mas os saberes é que são diferentes, de acordo com as experiências vividas por cada um.

Desta forma, compreendemos que a educação transforma qualquer cidadão, desde que proponha momentos de reflexões que levem esses sujeitos a dialogar, dando oportunidade para contribuir no ambiente escolar com seus saberes e histórias que conquistaram durante todo o tempo no processo de suas lutas para defender seus espaços como direito de todos.

Nessa perspectiva, Freire aborda o conhecimento de mundo podendo caber ao professor abrir espaço para o diálogo pois, esses sujeitos não são acomodados, mas

estão sempre em processo de aprendizado além do que eles sabem, aprimorando o conhecimento de mundo que leva ao conhecimento científico que o professor vai mediar oportunizando novos conhecimentos.

Uma destas exigências tem a ver com a compreensão crítica dos educadores do que vem ocorrendo no meio popular, pois Freire pensava que a educação poderia ampliar a participação desse povo para levar a uma organização crescente. É nessa perspectiva que o autor supracitado pensava para aqueles sujeitos, uma educação que pudesse transformar a realidade a partir do conhecimento adquirido na sala de aula, na interação com outras pessoas e com o mundo, sabendo refletir e até mesmo entender esse processo de educação.

Nesse sentido, é importante pontuar que o professor não deve apenas considerar o que o aluno sabe. Ele precisa utilizar do saber vivenciado através das experiências de vida e, num ato de dialeticidade, possibilitar a apreensão dos significados sociais e, a partir de então, leva-los a se empoderar dos conhecimentos já sistematizados num processo de decodificação dos códigos culturais, sociais e históricos para que possa agir na compreensão e mudança do mundo em que vive.

Em suma, podemos dizer que a EJA constitui uma esfera imprescindível na construção de uma sociedade que respeite os diferentes tempos de aprendizagem, pois através da mesma muitos jovens e adultos tem alcançado a oportunidade de acesso ao conhecimento que outrora lhes fora negado.

No entanto, não basta apenas ofertar turmas de EJA, como se todos os desafios se resolvessem apenas pelo acesso. É preciso garantir a permanência dos jovens e adultos na escola. Por isso, questões como o ambiente onde são ofertadas, o currículo que atende as especificidades da EJA, as condições de acesso, a formação do professor, a prática pedagógica adotada pelo professor, devem ser pontos fundamentais para que o direito a educação seja de fato garantido.

3. PERCUSSO METODOLÓGICO

A presente pesquisa teve por objetivo coletar e mostrar informações que possam ajudar a compreender como é a prática pedagógica do docente dentro da sala de aula, e se sua metodologia condiz com a realidade daqueles sujeitos que vão com intuito de aprender a partir do que sabe na convivência dentro e fora de suas culturas, raízes e histórias.

Segundo Denzin e Lincoln (2006), a pesquisa qualitativa envolve uma abordagem interpretativa do mundo, o que significa que seus pesquisadores estudam as coisas em seus cenários naturais, tentando entender os fenômenos em termos dos significados que as pessoas a eles conferem.

Segundo essa linha de raciocínio, Vieira e Zouain (2005) afirmam que a pesquisa qualitativa atribui importância fundamental aos depoimentos dos atores sociais envolvidos, ao discurso e aos significados transmitidos por eles. Nesse sentido, esse tipo de pesquisa preza pela descrição detalhada dos fenômenos e dos elementos que o envolvem.

Segundo os autores, a pesquisa busca desenvolver fundamentos que proponham ideias significativas, permeando uma troca de envolvimento entre os sujeitos, nas observações, nos diálogos, sabendo ouvir cada participante da pesquisa. Ludke e André (1986) apontam três métodos de coleta de dados utilizados na pesquisa qualitativa: observação, entrevista e pesquisa ou análise documental.

Segundo Ferri (2001), a pesquisa qualitativa amplia o olhar investigativo, permitindo estabelecer relações mais amplas e situar o que foi e é aprendido social e historicamente dentro e fora dos processos examinados. No caso do estudo dos processos de escolarização, permite desvelar os encontros e desencontros que perpassam a prática escolar, descrever as ações e representações dos sujeitos e os significados produzidos no cotidiano da ação pedagógica.

Diante desse processo de pesquisa, segundo Ferri (2001), devemos ter um olhar amplo dentro do ambiente escolar na perspectiva da busca principalmente no ouvir cada sujeito que ali se encontra, pois, vivenciar essas interações é de extrema importância para o nosso conhecimento e para a pesquisa de trabalho a campo.

A partir das leituras dos autores supracitadas delimitamos assim o corpo metodológico dessa pesquisa, que se configura enquanto uma pesquisa qualitativa,

básica e exploratória, tendo por instrumentos de coletas de dados a observação, entrevista semiestruturada e questionários que serão detalhados mais adiante.

3.1 CAMPO PESQUISADO

A presente pesquisa foi realizada em uma escola pública do município de Amargosa/Ba, localizada no Centro da cidade, onde os alunos deslocam-se do campo para estudar na zona urbana. Neste ambiente escolar, encontram-se alunos com faixa etária de 15 anos a 70 anos de idade, a maioria vive do trabalho e aposentadoria, moradores tendo como fonte de renda o subemprego e apoio social do Estado. A ideia inicial da presente pesquisa era voltada aos alunos da EJA que residem na zona rural de Amargosa, porém não foram encontradas turmas nas áreas. Dessa forma, migrou-se para a zona urbana, onde foi possível ter contato com pessoas que residem na zona rural.

A escola do ensino fundamental I e II que serviu de *lócus* para esta pesquisa é considerada uma das escolas mais antigas do município de Amargosa-Ba, a Escola Estadual Almeida Sampaio localizada no Centro (área nobre) da cidade. Foi inaugurada em 14 de Julho de 1957, após a junção de outras escolas quando a sua fundação, por isso a denominação “Escola Reunidas” e recebendo o sobrenome de um dos primeiros intendentess da cidade, o Sr. Francisco Almeida Sampaio, em homenagem aos serviços prestados por ele ao Município. Em 25 de novembro de 2016 de acordo a Portaria nº 10.106/2016 a Unidade Escolar passou a denominar-se Escola Estadual Almeida Sampaio.

Imagem 1- fachada da Escola Estadual Almeida Sampaio



Fonte: <http://escolas.educacao.ba.gov.br/node/12300>. acesso 11/03/2019

Durante o dia, atende em Tempo Integral, Ensino Fundamental (6º ao 9º ano) a Escola tem 468 alunos. Seu público são alunos da classe média-baixa e pobre, residentes, em sua maioria, no Bairro São Roque; Rodão, Urbis I; Cajueiro e na Zona Rural do Município, que buscam uma situação melhor, pois em suas comunidades o nível cultural e educacional predominante é o de Ensino Fundamental incompleto ou Ensino Médio. No período diurno, os alunos são crianças e adolescentes com poder aquisitivo médio e/ ou baixo. (Informações cedidas pela secretaria da escola-2018).

O prédio da Escola Estadual Almeida Sampaio conta com uma infraestrutura em sua sede de 14 salas de aula; 2 banheiros, (masculino e feminino) para alunos; 1 banheiro para professores e funcionários; 1 banheiro para portadores de necessidades especiais; sala de professores; sala de vídeo; biblioteca; secretaria escola; diretoria; quadra de esporte coberta; pátio coberto; cozinha; depósito para merenda escolar; almoxarifado; refeitório e auditório amplo necessitando de reforma. (Informações cedidas pela secretária da escola).

A escola é ampla, arejada, com boas condições de infraestrutura, sala de vídeo, biblioteca, auditório e área livre.

3.2 PERFIL DO CORPO DOCENTE DA EJA DA ESCOLA

O corpo docente da escola é constituído por 13 professores, 5 concursados, os demais são: 04 permutas, 04 temporários, 01 IEL (Instituto Euvaldo Lóide), com carga horaria de 20 horas semanais. A escolaridade dos professores é nível superior e um concluindo a graduação, a quantidade de turmas da EJA são 09. Sendo 03 turmas do segmento 01, sendo uma turma do nível 01 e 02, 06 turmas do segmento 02, 03 turmas do nível 02 e 03 turmas do nível 04 a faixa etária de idade são de 15 a 63 anos. No entanto, nenhum dos professores apontados acima possui especialização em Educação de Jovens e Adultos.

3.3 PERFIL DO CORPO DISCENTE DA CLASSE OBSERVADA

No que se refere aos estudantes atendidos, na classe observada, estes têm idades entre 15 a 63 anos de idade, ambos os sexos, estão matriculados na Educação de jovens e Adultos educação no nível 01 do ensino fundamental. Os alunos se deslocam de suas casas em transportes particulares e outros usam o transporte público escolar. São sujeitos das classes populares, oriundos, de modo geral, de famílias com baixo nível de escolaridade.

A tabela abaixo mostra o percentual da faixa etária e dos níveis de aprendizagem presentes na sala de aula pesquisada.

Tabela 1- Percentual e faixa etária dos alunos da EJA na escola pesquisada – elaboração própria

50%	Adultos que não puderam estudar na infância.	Maioria ainda em processo de alfabetização
30%	Jovens oriundos de outras escolas, que ultrapassaram a idade de estudar no diurno.	Muita dificuldade de aprendizagem e indisciplina.
20%	Alunos com necessidades especiais.	Dificuldades de aprendizagem devido alguma deficiência.

Fonte: A autora, 2019.

A classe possui 25 alunos e há uma heterogeneidade na sala de aula tanto na faixa etária quanto nos níveis de aprendizagem, o que demanda da professora um olhar específico para cada realidade e uma prática pedagógica diversificada para atender às especificidades dos alunos.

Além da heterogeneidade de faixa etária, existe também, conforme mostra o quadro, os alunos que possuem algum tipo de deficiência que segundo a professora da classe, constitui de problemas mentais; baixa visão; dislexia; disgrafia entre outros.

3.4 INSTRUMENTOS DE RECOLHA DE DADOS

Os instrumentos utilizados para realização desta pesquisa foram observação em sala de aula, entrevista gravada com a professora, seguida de questionários com os discentes. Os questionários foram aplicados no intuito de coletar informações para traçar o perfil discente, no entanto contribuiu também para a análise de dados.

3.4.1 Observação

Na fase de planejamento deve estar previsto também o treinamento do observador. Segundo Patton (1980), para realizar as observações é preciso preparo material, físico, intelectual e psicológico. O observador, diz ele, precisa aprender a fazer registros descritivos, saber separar os detalhes relevantes dos triviais, aprender a fazer anotações organizadas e utilizar métodos rigorosos para validar suas observações. Além disso, precisa preparar-se mentalmente para o trabalho, aprendendo a se concentrar durante a observação, o que exige um treinamento dos sentidos para se centrar nos aspectos relevantes. Esse treinamento pode ocorrer em situações simuladas ou no próprio local em que ocorrerá a coleta definitiva de dados, bastando para isso que seja reservada uma quantidade específica de tempo para essa atividade.

Segundo Denzin (1978), as duas formas de observação mais utilizadas são: observação e a observação participante. A observação participante é uma estratégia de campo que combina simultaneamente a análise documental, a entrevista de respondentes e informantes, a participação e a observação direta e a introspecção.

Dessa forma concluímos pela relevância das observações, pois exigem que o pesquisador esteja preparado para captar as informações de maneira organizada com registros no diário de campo, onde contém observações de comportamentos, falas, impressões e registros de conversas pessoais sobre os pontos a serem investigados.

Assim, consideramos a observação como um instrumento de profunda relevância, pois, permitiu um olhar mais apurado nas entrelinhas da prática

pedagógica desenvolvida pela professora e a relação professor/aluno. A partir das observações foi possível notar, por exemplo, o estado físico dos alunos, os trabalhos realizados, as falas dos alunos etc.

Durante as observações, foi perceptível que a maioria dos alunos e especificamente os que moram e trabalham na zona rural, apresentam descontentamento com a situação escolar vivenciada, uma vez que nos anos anteriores havia a oferta da modalidade nas escolas da zona rural. Como, em 2018, houve a migração forçada desses alunos para a cidade, tornou esse processo ainda mais difícil fazendo com que haja o desestímulo e descontentamento de muitos. Outros, segundo relato de alguns alunos, até desistiram de estudar. Alegam cansaço, dificuldades de percurso e quebra de identidade.

A professora reconhece a real situação dos alunos, mas, estimula-os a continuarem os estudos dizendo que são capazes de conseguirem o que querem, é só ter força de vontade. Além disso demonstra interesse em promover interação, procura conhecer as realidades que envolvem alunos que estão com dificuldades na aprendizagem. Em outras situações, a professora chega até a elogiar os alunos da zona rural, pois, além de trabalhar na roça, ainda vêm para a escola e realizam todas as atividades.

3.4.2 Entrevistas Semiestruturada

As entrevistas são distinguidas entre entrevistas estruturadas, não estruturadas e semiestruturadas. Segundo Minayo (2009, p.64), “a entrevista é, acima de tudo, uma conversa a dois, ou entre vários interlocutores, realizada por iniciativa do entrevistador”. Dessa forma, o entrevistador deve ficar atento para dirigir, no momento que achar oportuno, a discussão para o assunto que o interessa, fazendo perguntas adicionais para elucidar questões que não ficaram claras ou ajudar a recompor o contexto da entrevista, caso o informante tenha “fugido” ao tema ou tenha dificuldades com ele. O pesquisador deve levar em conta que, no momento da entrevista, ele estará convivendo com sentimentos, afetos pessoais, fragilidades, por isso todo respeito à pessoa entrevistada.

Desse modo, o pesquisador não pode esquecer que cada um dos entrevistados faz parte de uma singularidade, cada um deles tem uma história de vida diferente, tem uma existência singular. Para responder aos objetivos desta pesquisa, escolhemos

por entrevistas semiestruturadas, onde o pesquisador deve seguir um conjunto de questões previamente definidas, mas ele o faz em um contexto muito semelhante ao de uma conversa informal.

Com a finalidade de se centralizar a discussão sobre as práticas pedagógicas desenvolvidas na EJA, foi escolhida uma professora que atua na EJA, e que segundo ela atua por escolha dessa modalidade. Esta entrevista foi realizada na própria escola, em um momento onde não atrapalhasse a rotina da aula. A entrevista contou com questões abertas, sendo gravadas mediante autorização da entrevistada. Logo após, a entrevista foi transcrita e analisada de acordo com as categorias de análise que foram elencadas.

A entrevista foi realizada, obedecendo a um roteiro de cinco perguntas, o que permitiu uma coleta de dados de forma ágil.

3.4.3 Questionários com os Alunos

Outro instrumento de coleta de dados utilizado foi o questionário com alunos. O questionário foi pré-estabelecido pela pesquisadora, contendo questões que, de maneira sucinta, possibilitassem a coleta de informações necessárias de acordo com os objetivos da pesquisa, como: idade, sexo, vezes que frequentou a escola, porque parou de estudar, localidade onde mora, média de renda familiar, nível de escolaridade dos pais, quantidade de filhos, desejo de prosseguir estudando. O questionário foi realizado com três alunos.

Através do questionário, foi possível identificar que os estudantes já iniciaram várias vezes os estudos mas evadiram no meado do percurso. Através das observações que foram realizadas, em sala de aula, eles relatavam que paravam de estudar porque chegavam cansados em casa do trabalho e não tinham mais coragem para ir para escola, pois tinham que pegar ônibus e seguir um longo percurso. Isso os desmotivava para continuar os estudos.

Outro fator relevante é o fato de muitos alunos apresentarem algum tipo de necessidade especial (relato da professora), o que dificulta ainda mais o trabalho por ela desenvolvido.

Nesse sentido, observa-se também que a maioria dos alunos da EJA, não possuem perspectivas para os estudos, pois não se veem aptos a conseguirem

empregos melhores ou mudança na vida sócio econômica, o que os faz desacreditar dos estudos.

3.5 OS COLABORADORES DA PESQUISA

Buscando apreender o objeto de investigação da presente pesquisa e contemplar seus objetivos, contamos com a colaboração de 03 estudantes e 01 professora.

A professora mora em Amargosa, tem 4 anos que trabalha como professora e 8 anos como coordenadora pedagógica dos municípios de Milagres e Ubaíra, totalizando assim 12 anos de atuação na educação. É formada em pedagogia e especialista em Didática, Avaliação e Currículo pela Universidade do Estado da Bahia - UNEB. A professora conta que escolheu trabalhar com a EJA devido a escolha própria e pela vontade de contribuir com práticas que possam assegurar a qualidade do ensino e aprendizagem dos alunos. Sua classe é do segmento 1 da EJA com maioria dos estudantes não alfabetizados.

Responderam aos questionários duas estudantes e um estudante com idades entre 37 e 63 anos, todos ainda se consideram não alfabetizados.

4. A PRÁTICA PEDAGÓGICA E A REALIDADE DOS SUJEITOS

A partir dos objetivos traçados, das discussões aqui empreendidas e das informações coletadas através dos instrumentos de pesquisa, foi possível elencar alguns aspectos importantes que nortearam a referida análise, a saber: 1 - conhecimento da realidade sócio econômica e cognitiva dos estudantes; 2 - a realidade dos estudantes no planejamento e na prática pedagógica; 3 - desenvolvimento da prática pedagógica e acompanhamento da aprendizagem.

É importante pontuar que a análise aqui apresentada foi resultado da entrevista com a professora e das observações realizadas em sala de aula. Vale ressaltar, que o questionário realizado por três alunos, serviram para traçar o perfil dos educandos daquela turma, bem como perceber a relação do aluno com a escola e com a professora, não tendo como objetivo colher informações que possibilitasse fazer a análise sobre a prática pedagógica da professora.

4.1 CONHECENDO A REALIDADE SOCIOECONÔMICA E COGNITIVA DOS ESTUDANTES

Por meio dos questionários e dos diálogos mantidos e presenciados nas observações, esta pesquisa nos mostra que esses sujeitos são alunos que apresentam dificuldades de diversas ordens, oriundas de sua condição sócio econômica desfavorável. Essas dificuldades fazem os estudantes terem uma frequência irregular ou até mesmo evadirem para trabalhar com a finalidade de sustentar a família: “Não podemos vim todos os dias, pois precisamos trabalhar para sustentar a casa” (Aluno 1).

Salientamos também que a ausência de uma proposta pedagógica que atenda às necessidades e realidades desses estudantes: “Nossa vida é dura, temos até vontade de prosseguir o estudo, mas quem bota a comida no sábado em casa e as contas para pagar” (Aluno 3- observação em sala de aula).

Observa-se nesses fragmentos, que o trabalho, ainda é uma das causas da falta de assiduidade na escola, pois muitos alunos trabalham durante o dia inteiro e não tem como frequentar as aulas diariamente. Esse é um ponto importante, onde o professor precisa estar desenvolvendo estratégias para incluir os alunos. Uma das estratégias poderia ser, utilizar o próprio trabalho que eles realizam para

desenvolver uma atividade referente a disciplina do dia, já que eles não irão à escola naquele dia. Lembramos que muitos alunos da zona rural foram deslocados para outra realidade a zona urbana.

Muitos se sentem chateados e até mesmo indignados querendo uma resposta da gestão atual pelo abandono e descaso que fizeram com as escolas da zona rural.

Um relato de um aluno,

Para mim foi a coisa mais marcante que fizeram com a gente, nas políticas somos procurado para dar o voto, mais na hora de fechar a escola ninguém nos procurou para dar uma satisfação, hoje me sinto um peixe fora d'água gostava da minha escola, da minha professora que era na minha localidade, podia ir com qualquer roupa estando limpo o que importa. Hoje sinto vergonha e procura a roupa melhor que tenho para chegar até a escola essa que não me sinto em casa. (Aluno C – fala colhida na observação em sala).

Para a diretora as escolas da zona rural foram fechadas por corte de gasto, a prefeitura, de acordo com sua fala, não tinha condições de manter tanta escola para frequentar pouco aluno. Isso vai de encontro, com as determinações da LDB, quando afirma que deve ser considerada as especificidades de cada grupo. Outrossim, a maioria dos adultos da zona rural deixam de estudar pela falta de oferta na região onde moram.

A professora está consciente de todo esse processo. Dentro do que seu entendimento, busca conhecer o cotidiano. Ao ser perguntada sobre quem são seus estudantes, ela assim responde:

A minha turma é composta 50% adultos que não puderam estudar no tempo da infância e adolescência. Os outros 30% formado por jovens com muita dificuldade de aprendizagem e que apresentavam indisciplina no turno diurno e que talvez não tiveram acompanhamento e tratamento que o despertasse para a aprendizagem e foram transferidos para a noite, e os outros 20% são pessoas com necessidades especiais: problemas mentais, baixa visão acompanhado de um certo retardamento, dislexia, disgrafia e outros. De acordo com os aspectos culturais e sociais são trabalhadores autônomos: pedreiro, lavradores, domésticas e aposentados. Dentro deste contexto ainda tenho alunos que já são alfabetizados e por questões simplesmente burocráticas ficaram nesta sala. (Professora).

Ao falar da realidade dos estudantes ela ainda traz que:

São sujeitos que se caracterizam por uma história de vida construída à margem dos conhecimentos sociais, como também formado pelo nosso sistema de ensino. Que não foram assistidos, observando-se suas reais necessidades e dificuldades demonstradas pelos mesmos e ignoradas pelos educadores, classificando-os em incapazes e indisciplinados, razão pela qual são transferidos para a noite ao completar a idade. (Professora).

Percebe-se pelas falas que a professora tem um olhar atento aos seus alunos. Tem consciência de que a não garantia de acesso a uma educação de qualidade se trata de uma injustiça social. Isso está presente também em suas falas sobre a EJA.

A EJA é um segmento constituído de sujeitos de grandes histórias de vidas, mas fragilidades no que diz respeito ao conhecimento formal, às vezes, se sentindo incapazes de adquirir conhecimentos, mas acima de tudo vontade de vencer e viver. É um processo de ensino que, além de habilitar o sujeito a ler e a escrever todos os tipos de textos que desejam ou que seja necessário, precisa conduzir também para uma leitura de mundo, digo crítica, preparando-o para uma postura autônoma na resolução de seus problemas. Por isso, a prática pedagógica deve oportunizar meios para o desenvolvimento do senso crítico. (...) É uma clientela diferenciada das outras, mas fica sempre com as sobras do ensino fundamental. Atualmente vem perdendo sua característica de jovem e adulto e se transformando em ensino regular, pois a migração dos alunos de 15 anos está tomando conta do espaço. (Professora).

Trabalhar com heterogeneidade da classe é um grande desafio, pois a professora tem aos seus cuidados alunos entre 15 e 63 anos como já foi dito, com diferentes níveis de apropriação da leitura e escrita.

4.2 A REALIDADE DOS ESTUDANTES NO PLANEJAMENTO E PRÁTICA PEDAGÓGICA

Nesta categoria analisamos o olhar da professora para a realidade social vivenciada pelos seus alunos e como a sua prática pedagógica contribui para a compreensão e a introdução da vida cotidiana no contexto das suas aulas.

Para Miguel Arroyo (2006), é necessário que se faça uma relação entre a Educação de Jovens e Adultos e o Sistema Escolar, primando pelos direitos dos alunos adultos, para além daquilo que já está posto verticalmente através dos sistemas de ensino.

Nesse sentido, considerar a realidade dos estudantes da EJA torna-se de fundamental importância na vida escolar desses sujeitos, nas falas, na interação dentro da sala de aula, assim como os conhecimentos que possuem que foram adquiridos através do trabalho e da vida.

Sobre esse aspecto, o autor acima ainda destaca que um currículo que esteja pautado na cultura dos sujeitos educativos, demanda um novo jeito de pensar e atuar de todos os envolvidos com o processo de ensino e aprendizagem, referente às manifestações culturais dos alunos.

Desta forma compreende-se que o conhecimento das culturas dos alunos e a adoção desta na prática pedagógica, trará subsídios importantes para engajamento dos alunos da EJA. Ao ser questionada sobre como faz seu planejamento, a professora diz:

Fazendo uso de conteúdos e estratégias de acordo com as reais necessidades dos alunos, considerando que todos os alunos são capazes de aprender e partir do que eles já sabem para a ampliação dos conhecimentos. Ensinar e aprender corresponde a atividades complementares. Penso em um planejamento que traga para as reais necessidades dos alunos os conteúdos trabalhados, não deixando infantilizar o ensino. As aulas são planejadas de forma interdisciplinar. Portanto as estratégias de ensino devem ser planejadas de acordo com a realidade de cada grupo. (Professora).

A fala da professora demonstra a sua preocupação em articular os conteúdos de maneira que envolva todas as disciplinas, no entanto, a professora não fala da realidade cotidiana que acompanha os alunos até mesmo quando estão na escola.

Em um dos dias da observação, a professora fez uma atividade sobre saneamento básico. Nesse dia, inicialmente, ela leu um texto sobre o saneamento básico, explicou o que significa o termo, e citou alguns exemplos de lugares com ou sem rede de esgoto. No entanto, em momento algum a professora problematizou: por que o saneamento básico é melhor distribuído nas áreas mais nobres da cidade? Por que nas periferias não tem saneamento básico, ou quando possui é de maneira irrisória? O que podemos fazer para tentar solucionar alguns problemas relacionados ao saneamento básico?

Sobre a interdisciplinaridade, a LDB/1996, pressupõe uma interação entre os diversos conteúdos presentes em cada etapa da educação básica, como forma de produzir um aprendizado dinâmico e eficaz. No contexto da EJA, considera-se que se torna imprescindível utilizar os conteúdos escolares de maneira a garantir a transversalidade dos conteúdos.

Confirmando que deve o professor possuir autonomia para realizar seu planejamento e execução pedagógica de acordo com as necessidades dos seus alunos, para que haja motivação e reconhecimento de si e da sua realidade de vida, para que não sejam desmotivados, como afirma um aluno: “Às vezes penso em desistir por causa da distância, trabalho o dia todo descarregando carga e bate o desânimo para vir para a escola” (Aluno - observação em sala).

Observamos que a fala do aluno é pertinente, ele denuncia que uma das dificuldades encontradas são a distância e o cansaço devido ao trabalho diário. Com

essa narrativa várias questões poderiam ser levantadas e utilizadas dentro do planejamento da professora. Poderiam ser utilizadas como problematização: por que só há oferta das turmas de EJA no centro da cidade? O que a lei nos diz sobre isso? Trabalhar por exemplo com o artigo da LDB, que trata sobre isso, etc. Nesse sentido a professora trabalharia com os conteúdos das diferentes disciplinas e utilizaria temas transversais, culturais e sociais.

No demais, a professora relata: “ Faço uso de conteúdos e estratégias de acordo com reais necessidades dos alunos, considerando que todos são capazes de aprender partindo do que eles já sabem” (Professora).

A professora fala das necessidades de aprendizagem dos alunos e relata que se utiliza de diversas estratégias para sanar essas necessidades. Aqui, podemos pontuar a importância de o professor perceber as necessidades e como deve proceder para superá-las. No entanto, é importante também perceber a realidade que envolve todo o contexto que permeia a vida do aluno.

A professora efetivamente se preocupa com o diálogo com os estudantes. Atenciosa, sempre conversa dando conselhos falando da importância do estudo. Antes de começar a aula, ela sempre pergunta como passaram o dia, como foi o final de semana se saíram, se estudaram alguma coisa.

De acordo as falas e observações, podemos perceber que a prática pedagógica da docente busca conhecer a realidade de seus estudantes, mas tem dificuldades para problematizar essa realidade. Nesse sentido, entendemos que o papel do professor é levar seus alunos a descobrirem algo que muitas vezes nunca foram motivados sobre essa importância, por muitos fatores que impediram de seguir o caminho ou até mesmo seus direitos a escola que foram negados. É fundamental promover uma reflexão cuidadosa sobre a realidade.

A reflexão como produto de um trabalho árduo, pode levar à teorização. Essa teorização que Zeichner chama de “conjunto de reflexões de teorias práticas do professor, afirmando que numa {...} relação dialógica, a teoria e a prática informam-se uma a outra” (ZEICHNER, 1993, p.56).

Dentro desse ambiente e na perspectiva do autor, a prática e a teoria caminham juntas, podendo conduzir meios para suas aulas, problematizando com desafios, possibilitando curiosidade para adquirir conhecimentos. Como diz Paulo Freire (2015), como professor deve saber que sem a curiosidade que me move, que me inquieta, que me insere na busca, não aprendo nem ensino. Exercer a minha curiosidade de

forma correta é um direito que tenho como gente e a que corresponde o dever de lutar por ele, o direito à curiosidade.

É importante dizer que por mais boa intenção, cuidado e afeto com os estudantes que o professor tenha, isso não o torna imediatamente capaz de problematizar a realidade e usar esse processo para fazer com seus alunos avancem rumo ao conhecimento.

Em suma, podemos afirmar que a professora entrevistada, embora relate que, a todo tempo, desde o planejamento à execução da prática pedagógica, trabalha com o contexto de vida dos alunos, isso se dá de modo superficial, referindo-se apenas às questões de aprendizagem e de incentivo oral à continuidade dos estudos.

Acreditamos que é possível fazer diferente, buscando mudar as situações e procurando fazer o que é de direito dos educandos, garantindo uma escola que possa oferecer um ensino de qualidade com profissionais que possam refletir suas práticas, introduzindo a pesquisa, a problematização, o diálogo, a curiosidade e resgatando seus princípios. Contudo o professor não é o único responsável por essa mudança. Sem formação inicial e continuada emancipadora, sem uma intervenção que favoreça a reflexão sobre suas práticas, estaremos sempre longe do lugar desejado.

4.3 DESENVOLVIMENTO DA PRÁTICA PEDAGÓGICA E ACOMPANHAMENTO DA APRENDIZAGEM

Saber e analisar como a professora desenvolve o seu trabalho pedagógico constitui um ponto chave para que os objetivos desse trabalho fossem alcançados. Desta forma, procuramos aqui compreender como a professora trabalha no dia a dia no sentido de fazer com que os alunos alcancem as habilidades esperadas e também problematize as questões que são vivenciadas no seu cotidiano oportunizando uma educação humanizadora.

Oliveira (2007) mostra que a organização curricular e as práticas pedagógicas de EJA devem superar a visão compensatória da educação de jovens e adultos em que não se reconhece a especificidade dos alfabetizando e, propõe um currículo no qual se estabelece diálogos entre os conteúdos escolares e os saberes tecidos pelos educandos em suas experiências vividas.

Nesses aspectos, compreende-se que os conhecimentos adquiridos nas experiências de vida, não devem ser ignorados na prática pedagógica, pois a

articulação dos conhecimentos, torna-se parte necessária para que haja a problematização do conhecimento de mundo, transformando assim no conhecimento da palavra.

Dessa forma, nas observações e entrevistas percebemos a importância do acompanhamento na sala de aula, com os conteúdos aplicados e a preocupação da professora em trabalhar a realidade envolvendo os alunos em suas aulas na participação do desenvolvimento das atividades propostas permitindo os alunos a refletir o que fizeram, onde errou, qual a dificuldade apresentou na hora da realização da atividade?

Gosto desse público, porque demonstram vontade de aprender, e sempre questionam que chegamos perto para ajudar o que estão com dificuldade. Acompanho os alunos todos os dias, pois são pessoas que precisam de atenção para superar as dificuldades enfrentadas no seu dia-a-dia. Muitos relatam que se acham incapazes, que não conseguem fazer sozinhas as atividades. (Professora).

De acordo com a fala da professora, ela está sempre acompanhando de perto o desenvolvimento da aprendizagem dos alunos. Esse acompanhamento constitui-se de suma importância pois, envolve a rigorosidade metódica e a amorosidade elencadas por Freire (2015), quando diz que o ato de ensinar exige essas duas competências dentre outras.

O acompanhamento na aprendizagem é de fundamental importância na vida de qualquer ser humano, pois devemos ter o olhar diferenciado para cada um, todo ser tem seu jeito de pensar, de agir de sentir, me sinto honrada pelo trabalho que faço e procuro me avaliar em cada aula dada no decorrer da semana. (Professora).

Segundo Charlot (2000), essa relação implica atividade para tal sujeito precisa se mobilizar. Para que haja essa mobilização para com o ato do conhecimento é necessário que o sujeito perceba sentidos e significados nessa atividade.

Nesse sentido,

(...) a intervenção educativa teria que atuar sobre os diversos indivíduos necessariamente diversos, no sentido de lhes dar acesso aquela modalidade particular de relação entre sujeitos e objetos de conhecimento que é próprio da escola, promovendo transformações específicas no seu percurso de desenvolvimento (OLIVEIRA, 1997, p.60/61).

Fica evidente que, nas falas tanto nas entrevistas e observações, o ato de acompanhar o aluno, faz parte do processo de ensino e aprendizagem, a professora tem o cuidado de ter um contato sensível e pessoal com cada estudante. Nesse sentido, percebe-se que a professora procura realizar um trabalho que atenda às

necessidades individuais de cada um, porém torna-se muito desafiador, pois exige um fazer diferenciado para cada aluno e muitas vezes o professor não dispõe de recursos pedagógicos e tempo suficiente para atender a todos.

Para superar os limites no processo de acompanhamento da aprendizagem, a professora propõe:

Pensar em uma organização de sala que não seja tão diversificada em relação aos níveis de aprendizagem, uma proposta pedagógica voltada realmente para as especificidades dos alunos da EJA, materiais mais disponíveis e formação especificamente para professores da EJA.

Além do explícito nesta fala, é possível perceber que o discurso de reunir todos os alunos em um Centro de EJA para um melhor atendimento às especificidades dessa modalidade, reduz-se, pelo menos até o momento em que a pesquisa foi realizada, final de 2018, à concentração dos estudantes em um mesmo prédio, haja vista que demandas por formação e material específico, bem como uma proposta pedagógica adequada não foram colocadas em pauta junto aos professores.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise de dados aqui apresentada demonstra que se tem avançado muito em relação a educação ofertada aos jovens e adultos em relação ao passado. No entanto, muitas questões ainda permeiam essa modalidade de ensino, principalmente no que tange a políticas que garantam o acesso e além disso a permanência dos estudantes, visto que compõem um quadro diferenciado de educação. Um dos pontos fundamentais seria a formação do professor para atuar com esse público. Podemos observar nesta pesquisa que a professora não possui formação específica para atuar nessa modalidade, apenas a formação inicial através da licenciatura em pedagogia. Outro fator relevante seria pensar em materiais didáticos pedagógicos que articulassem o fazer docente e englobasse todas os saberes elencados por Freire (2015) em sua pedagogia da autonomia.

Dessa maneira, pode-se inferir a respeito do que foi discutido neste trabalho que a prática pedagógica do professor dentro da sala de aula, com os alunos da EJA, precisa, nesse processo de ensino e aprendizagem, ser construída em um ambiente de diálogo entre escola e aluno.

A presente pesquisa teve a intenção de contribuir para que possamos entender e compreender de que forma os professores trabalham a realidade desses sujeitos realinhando a outros saberes.

Foi possível analisar que as práticas pedagógicas desenvolvidas em sala de aula são pensadas no sentido de desenvolver as habilidades e competências esperadas dentro do contexto da EJA. Contudo, em relação a articulação das vivências cotidianas dos alunos, embora sejam citadas durante as aulas, não há uma proposta pedagógica que alie, de fato, a realidade dos alunos na aplicação dos conteúdos.

Nesse sentido, a professora fala sobre as dificuldades enfrentadas principalmente pelos alunos da zona rural para frequentar as aulas, mas não problematiza de modo crítico e reflexivo sobre essas realidades e o que pode ser feito.

Tomando os pressupostos freirianos, compreendemos que ensinar exige compreender que a educação é uma forma de intervenção no mundo. Nesse sentido, ainda precisa muito se fazer para que de fato a educação cumpra o seu papel transformador, para que os estudantes possam inferir no mundo, tomando consciência do mundo em que vivem e se apoderando do conhecimento sistemático para que

então lutem para a transformação das suas realidades. E isso só é possível mediante a ação e o engajamento do professor.

Portanto, aos professores cabe a árdua, mas possível tarefa de possibilitar que seus alunos possam descobrir o mundo letrado, apoderar-se dele e utilizá-lo como ferramenta de luta e resistência contra os opressores de hoje que a custo da exploração, da violência, da ganância e do lucro desenfreado tiram a dignidade e o direito dos mais vulneráveis.

Mas, para além do papel do professor, é preciso organização e luta de todos os envolvidos na EJA pela elaboração de políticas públicas que promovam a efetivação de uma educação de qualidade.

REFERÊNCIAS

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. **História da educação e da pedagogia: geral e Brasil**. 3 ed. rev. e ampl. São Paulo: Moderna, 2006.

ARROYO, Miguel Gonzalez. **Formação de educadores de jovens e adultos** / organizado por Leôncio Soares. — Belo Horizonte: Autêntica/ SECAD-MEC/UNESCO, 2006.

BARBIER, René. **A Pesquisa-ação**. Brasília, DF: Líber Livro Editora, 2004.

BECKER, Howard S. **Métodos de pesquisa em Ciências Sociais**. Tradução de Marco Estevão. 3a edição. São Paulo: Editora Hucitec, 1993. BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Lei número 9394, 20 de dezembro de 1996.

BELLO, José Luiz de Paiva. **Movimento Brasileiro de Alfabetização – MOBRAL**. História da Educação no Brasil. Período do Regime militar. Pedagogia em foco, Vitória 1993, Disponível em < <http://www.pedagogiaemfoco.pro.br/heb10a.html>>. Acesso em: 13 de dezembro de 2016.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF, Senado, 1998.

BRASIL. Lei nº. 9394 de 20 de dezembro de 1996. Estabelece **As Diretrizes e Bases da Educação Nacional**.

CARLOS, José. **Didática**. São Paulo: Cortez, 1992.

FERNANDES, Bernardo. Mançano. **A questão agrária no Brasil hoje: subsídios para pensar a educação do campo**. Cadernos Temáticos – Educação do Campo. SEED/PR, Curitiba, 2005.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Paulo Freire-Rio de Janeiro: Editora paz e terra, 1987.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. 30. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2007. FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa**. 25 ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996. GADOTTI, Moacir (Org.). **Educação de jovens e adultos: as experiências do MOVASP**. São Paulo: Instituto Paulo Freire, 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 2005.

GONCALVES, Maria Fernanda. **Currículo Oculto e Culturas de aprendizagem na formação de professores**. Porto Alegre: Artmed, 2002.

HADDAD, Sérgio. **Estado e Educação de Adultos (1964- 1985)**. São Paulo: USP, 1991. (Tese de Doutorado em Educação, 2 vol.)

Kauark, Fabiana; Muniz, Iana. **Motivação do ensino e na aprendizagem competências e criatividade na prática pedagógica** 2 Ed. Rio de Janeiro: Wak, 2011.

KEMMIS, S.; Mc TAGGART, R. **Como planificar la investigació nacció**. Barcelona: Editorial Laerts, 1988.

LAFFIN, Maria Hermínia Lage Fernandes. **A constituição da docência entre professores de escolarização inicial de jovens e adultos**/ Maria Hermínia, Lage Fernandes Laffin- Ijuí: Ed. Unijuí, 2013. – 248p.

LEITE, S. C. **Escola rural: urbanização e políticas educacionais**. São Paulo: Cortez, 1999.

LE MOS, Marlene Emília Pinheiro de. Proposta curricular. In: BRASIL. **Salto para o futuro: Educação de Jovens e Adultos**. Brasília: Ministério da Educação, SEED, 1999. Vol. 10, p. 19-25, 112 p. LIBÂNEO.

LIBÂNEO, J.C. **Organização e Gestão da Escola: Teoria e Prática**, 5. ed. Goiânia, Alternativa, 2004.

MEC/ CNE/CBE. Parecer CEB 11/2000, de 10 de maio de 2000. Disponível em: www.mec.gov.br/cne/parecer

SOARES, Leôncio José Gomes. **Educação de Jovens e Adultos**/ José Leôncio Gomes Soares. – Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

SOARES, Magda Becker. **Letramento – um tema em três gêneros**. Belo Horizonte: Autêntica, 1998. SOARES, Magda Becker. Letramento e Alfabetização: as muitas facetas. Texto apresentado no grupo de trabalho Leitura, Alfabetização e Letramento, na 27ª Reunião Anual da ANPED. Caxambú, 2003.

SOUZA, Carlos Angelo de Menezes. CAVALCANTE Maria Juracy Maia. **Os jesuítas no Brasil: entre a Colônia e a República** / Carlos Ângelo de Menezes Sousa; Maria Juracy Maia Cavalcante (Orgs.) / Brasília: Liber Livro, 2016.

SOUZA, Neli Pereira; REIS, Rosini Mendes. **Educação do Campo Prática Pedagógica**. Faculdades Integradas do Vale do Ivaí – Univale / Instituto de Estudos Avançados e Pós-Graduação – Esap. Monografia de curso de pós-graduação Lato Sensu em Ensino de Geografia e História. Umuarama - PR. 2009.

THIOLLENT, M, **Pesquisa-ação nas organizações**. São Paulo: Atlas. 1997.

VELOSO, Zélia Vieira Cruz. **As práticas pedagógicas na educação de jovens e adultos (EJA)** [manuscrito]: interfaces com as políticas e diretrizes curriculares / Zélia Vieira Cruz Veloso. – Goiânia, 2014. 120 f.

APÊNDICES



Universidade Federal do Recôncavo da Bahia – UFRB
Centro de Formação de Professores - CFP
Licenciatura em Pedagogia

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidada (o) a participar, como voluntária (o), da pesquisa intitulada **SE O TRABALHO PEDAGÓGICO CONDIZ COM A REALIDADE DOS ALUNOS DA EJA**, com o objetivo de compreender como se dá o processo do ensino e aprendizagem na realidade dos alunos da EJA. Esta pesquisa está sendo orientada pela professora Geórgia Nellie Clark.

Objetivamos nessa pesquisa: Entender a prática pedagógica do professor na sala de aula com a realidade dos discentes da EJA. Para melhor sistematizar essa investigação foram delineados alguns objetivos específicos, a saber: 1) Identificar o papel do professor da EJA na escola urbana do Amargosa 2) Entender o contexto social e econômico dos educandos. 3- Discutir a EJA como direito no Brasil.

Sua participação não é obrigatória. A qualquer momento, você poderá desistir de participar e retirar seu consentimento. Sua recusa, desistência ou retirada de consentimento não acarretará prejuízo. Sua participação na pesquisa não é remunerada nem implicará em gastos para você. Além disso, você não correrá nenhum risco em participar desta pesquisa.

Sua participação nesta pesquisa consistirá em fazer parte de uma entrevista semiestruturada, bem como permitir que a pesquisadora tenha um bate papo com você, onde suas falas sejam gravadas para depois serem transcritas para o papel. Os dados obtidos por meio desta pesquisa serão confidenciais e não serão divulgados em nível individual, visando assegurar o sigilo de sua participação e da instituição de ensino.

O pesquisador responsável se comprometeu a tornar públicos nos meios acadêmicos e científicos os resultados obtidos de forma consolidada sem qualquer identificação de indivíduos e da instituição que fazem participação.

Caso você concorde em participar desta pesquisa, assine ao final deste documento, que possui três vias, sendo uma delas sua, uma da instituição e a outra do pesquisador responsável. Seguem os telefones e o endereço da pesquisadora responsável e da orientadora.

Contatos do pesquisador responsável: Rosemary Souza dos Santos, graduanda do curso de Licenciatura em Pedagogia pela Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB), Centro de Formação de professores (CFP), Celular: (75) 98802-0846, E-mail: rosemarysantos13@hotmail.com Contatos da orientadora: Ms. Geórgia Nellie Clark,

professora da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB), Centro de Formação de professores (CFP).

Declaro que entendi os objetivos, riscos e benefícios de minha participação na pesquisa, a que concordo em participar.

Amarjosa-BA 05 de Outubro de 2018.

Participante:

Professora da FJA

Pesquisadora:

Rosemary Souza dos Santos

Orientadora:

Georgia Nellie Black